

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2019



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto Fernandes, Denise Calado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (EU Business School - Barcelona) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universitat Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnes García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), André Carneiro (Universidade de Évora), Carlos Martins de Jesus (Universidade de Coimbra), Fábio Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fernando Bermejo Rubio (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Inês de Ornelas e Castro (Universidade Nova de Lisboa), Inês Vaz Pinto (Sítio Arqueológico de Tróia), Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra), Javier Andreu Pintado (Universidad de Navarra), José Luís Brandão (Universidade de Lisboa), Juan José Castillos (Instituto Uruguayo de Egiptología), Maria de Fátima Rosa (Universidade Nova de Lisboa), Marta González González (Universidad de Málaga), Pedro Carvalho (Universidade de Coimbra), Raquel dos Santos Furnari (Universidade Estadual de Campinas), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Susana Schwartz (Universidade de São Paulo), Victoria Emma Pagán (University of Florida).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013, UID/HIS/04311/2019 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 MATERNIDADE E FILICÍDIO

MATERNITY AND FILICIDE

Maria de Fátima Sousa e Silva

31 THE ENEMY AT THE CITY GATES.

Seven against Thebes, 287-368

Marta González González

51 ESTUDOS

ARTICLES

53 DEUSES BANQUEIROS:

uma seleção de contratos paleobabilônicos de empréstimos
feitos por templos

BANKING GODS:

a selection of Old Babylonian temple loan contracts

Lucas G. Freire

77 A "TERRA BÍBLICA" DO PRIMEIRO TESTAMENTO:

construção de um espaço religioso

THE "LAND OF THE BIBLE" OF THE FIRST TESTAMENT:

building of a religious space

Sofia Beato

93 "A MALDIÇÃO DA MÚMIA".

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de
Tutankhamon

"THE CURSE OF THE MUMMY".

Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun

José das Candeias Sales & Susana Mota

- 119 A DIMENSÃO VISUAL DO CÂNONE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA
THE VISUAL DIMENSION OF THE CANON IN CLASSICAL ANTIQUITY
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 139 A HÉLADE EM ROMA.
A recepção do estilo de vida da aristocracia ática através das *fabulae palliatae* de Plauto: a alimentação, as heteras e o *damnum*
GREECE IN ROME.
The reception of the lifestyle of the Attic aristocracy through Plautus' fabulae palliatae: the food, the hetaerae and the damnum
Álvaro Martinho
- 165 ALARGAMENTO DO DOMÍNIO ROMANO NA ITÁLIA CENTRAL EM MEADOS DO SÉCULO IV A.C.
EXPANSION OF ROMAN POWER IN CENTRAL ITALY IN THE MID-4TH CENTURY B.C.
Filipe Carmo
- 187 RIFLETTENDO (SU) LUCIO (ANNEO SENECA), UN POLITICO IN FILOSOFIA E UN FILOSOFO IN POLITICA
REFLECTING UPON LUCIO ANNEO SENECA, A POLITICIAN IN PHILOSOPHY AND A PHILOSOPHER IN POLITICS
Carlotta Montagna

219 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 221 OS TOPÓNIMOS PRÉ-ROMANOS DA HISPÂNIA:
a propósito dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, VI
PRE-ROMAN TOPONYMS IN HISPANIA:
on the Monumenta Linguarum Hispanicarum, VI
Amílcar Guerra
- 235 HOMENAGEM A ALICIA MARAVELIA
TRIBUTE TO ALICIA MARAVELIA
Telo Canhão

251 RECENSÕES

REVIEWS

333 IN MEMORIAM

341 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

ESTHER EIDINOW et JULIA KINDT (2015), eds., *The Oxford Handbook of Ancient Greek Religion*. Oxford, Oxford University Press, 736 pp. ISBN 978-0-19-964203-8 (95£).

Esta obra reúne um conjunto impressionante de renomados especialistas em Religião Grega para estabelecer uma extensa, mas não completa, revisão do estado da arte. Embora vários dos ensaios englobem uma dimensão introdutória, a maioria compreende reflexões avançadas sobre o fundamental das questões, problemas conceituais e metodológicos, e caminhos prospectivos de pesquisa respeitantes a um tópico preciso. Os temas não totalizam a História da Religião Grega, mas elementos fundamentais são alvo de reflexão pelos autores, por vezes discordantes entre si, pontualmente sobrepostos. A maioria não enfatiza a descrição de paradigmas, mas o confronto de categorias organizadoras tradicionais com novas abordagens e descobertas, esforço imediatamente evidente nas conceptualizações inerentes aos títulos dos capítulos. Os ensaios tendem, mas não completamente, a rejeitar explicações gradualistas das particularidades dos fenómenos religiosos na Grécia Antiga.

A primeira parte – *What is Ancient Greek Religion?* – foca nos enquadramentos e nas problemáticas gerais da definição do objeto, e nas consequências dessa operação. Robin Osborne aborda o lugar da diversidade enquanto característica intrínseca do sistema religioso grego. Argumenta por uma extensa multiplicidade dos fenómenos em várias escalas, contestando a objetividade dos modelos paradigmáticos, por uma variação que será local e integrada no sistema. Thomas Harrison apresenta o debate historiográfico do lugar da crença, especialmente face à prática e ao rito, como objeto da Religião Grega. Traça a sua separação e secundarização desde a viragem do séc. XX e recente recuperação consequente dos avanços na antropologia social e nas ciências cognitivas. Julia Kindt, uma das editoras, estrutura a capacidade da inovação no sistema do politeísmo grego, tomando por estudo de caso os mistérios da Andânia na Messénia. Avança a tese de um sistema dinâmico, integrador de novos elementos de forma inteligível, reclamando-os por várias estratégias que delineiam a ênfase dos próprios Gregos na autoridade e na antiguidade dos mesmos, embora sem sempre discernir claras justificações para a mudança. Vincianne Pirenne-Delforge e Gabriela Pironi retomam o tema de Osborne no que respeita à unidade possível do politeísmo. Tomando as Meras e Hera como paradigmas, propõem o entendimento das divindades como integrantes numa rede (panteão), mas também uma leitura das próprias figuras como uma rede de poderes, lugares, nomes, narrativas, cultos e representações, tornando as figuras inteligíveis ao historiador.

A segunda parte aborda a heurística e hermenêutica documental da Religião Grega, iniciando Millette Gaifman com um artigo metodológico sobre os materiais iconográficos como fontes de informação religiosa. Gaifman defende as abordagens holísticas do documento, assumindo a primazia da imagem antes de a articular ao referente textual, e sublinha a seletividade da representação, a sua presença quotidiana e a autonomia da sua linguagem como dimensões a integrar nas análises. Hannah Willey apresenta a problemática da prosa e argumenta pela ultrapassagem do paradigma tradicional que a toma por um repositório de informações. Tomando os oradores Heródoto e Pausânias como estudos de caso, nota questões como o envolvimento do A., a diversidade dos dados transmitidos e a dimensão religiosa do texto não-poético. Renaud Gagné defende a hermenêutica da poesia grega na sua multiplicidade como método fundamental para a inteligibilidade da Religião Grega. Gagné modela a expressão poética como forma autoritária de exploração religiosa ancorada na tradição,

operando como mediação e transmissão do conhecimento dos deuses, cujo repertório permitiria aos indivíduos, na sua receção, larga margem para imaginar o divino. Claire Taylor, seguindo-se à praxe da importância da epigrafia, diagnostica vários problemas e temas pouco atendidos neste campo. Além da predominância das *leges sacrae* e restritividade das leituras ao texto, a autora enfatiza a materialidade ritual das inscrições, a monumentalidade que as reveste de autoridade e a mediação implícita e que delas faz lugares de memória. Taylor sublinha ainda, com pertinência, a importância em considerar também as marcas não textuais e analfabetas, dados epigráficos “a-textuais” de devoção dos crentes. Catlín Brarrett apresenta um excelente artigo introdutório à relevância dos dados arqueológicos, à sua aplicação tradicional na historiografia e às novas metodologias e perspetivas nos debates atuais da História da Religião Grega. David Martínez sintetiza o que considera serem os três tipos de informação religiosa que se encontram regularmente no *corpus* de papiros, onde seria de esperar uma introdução mais extensa e operatória.

A terceira parte – *Myths, Contexts and Representations* – reflete sobre o género literário nos seus testemunhos de mitos e ritos, mas também como, nas formas da sua inscrição, revela religiosidades antigas. Richard Martín relembra como o épico pode corresponder a uma ação ritual, além de mediar práticas e crenças ao serviço da narrativa inteligíveis na cultura da audiência. Tanya Scheer explora a omnipresença da cultura visual e as complexidades da relação entre crente e representação, que resultam na multiplicidade de atitudes, por vezes face ao mesmo objeto (obra de arte, votivo, estátua de culto, deus). Claude Calame, argumenta pela leitura do teatro como fonte do rito pelo seu entendimento enquanto performance ritual, oferta aos deuses, enquadrado no ritmo da festa e do culto. Calame, lembrando o paralelo de outros festivais áticos que integravam diferentes géneros de poesia na celebração, limita a excecionalidade da tragédia enquanto rito. Robert Fowler revê a dicotomia entre mito e História em face da Historiografia Antiga e Contemporânea, defendendo uma postura cética face a uma separação operativa, que considera anacrónica. Rick Benitez e Harold Tarrant argumentam de forma semelhante sobre a oposição entre Religião e Filosofia, lembrando como esta fazia uso do pensamento religioso, da representação das práticas, e os procurava racionalizar.

A quarta parte desta obra – *Where?* – questiona as extensões, mais que os espaços e locais precisos, do religioso. Michael Scott sistematiza a definição de santuário como espaço sagrado, flexível, polivalente e multidimensional, em que elementos naturais e arquitetónicos, em diálogo, são experimentados nos seus múltiplos papéis, e de múltiplas formas pelos crentes. Scott sublinha ainda as complexidades sincrónicas além da diacronia, as abordagens em torno da interface com a paisagem, e os limites do modelo da “Polis-Religion.” Matthew Dillon revê o estado da arte e apresenta a bibliografia introdutória para o culto doméstico e no feminino, defendendo que o tradicional agrupamento e/ou equivalência destes campos é marcadamente erróneo. Lembra a participação das mulheres no culto cívico, a extensão do domínio dos homens aos ritos no *oikos*, e a independência das preocupações domésticas em muitos dos rituais exclusivos de mulheres. Kostas Vlassopoulos, com o programático título “Religion in the Communities”, continua a contestação recorrente à “Polis-Religion” e enfatiza a sobreposição de múltiplas comunidades com que o indivíduo interage na sua prática ritual e os vários níveis identitários que cada culto pode articular. Christy Constantakopoulou prolonga este debate no contexto da região e das anfictionias, lembrando que a dimensão suprapoliade dos santuários nem sempre é clara, nem se expressa da mesma forma em uma só escala.

A quinta parte – *How?* – agrega elementos algo desconexos que as editoras clarificam como articuladores do controle e da autoridade religiosa. A pergunta titular face ao objeto é talvez a mais polissêmica dos capítulos. Michael Flower revê os termos gregos e seus usos para o sacerdócio, *hiereus* e *manteis*, explorando as peculiaridades e complexidades de cada categoria, que não permitem estabelecer uma oposição clara. Ralph Anderson aborda o carácter fulcral da polis na introdução de novos deuses em contraciclo com o restante volume. O artigo sublinha ainda a importância das redes sociais para o movimento das divindades e a pertinência do conceito de hibridização/creolização como mecanismo de integração das mesmas. Hugh Bowden apresenta um ensaio sobre *asebeia* em contexto ateniense, definindo-a como condição de um indivíduo na sua relação com os outros e com os deuses, e não na expressão específica de descrença. Andrej Petrovic retoma a questão, hoje assente, das *leges sacrae* como categoria *etic*, construída pela historiografia que acompanhava a definição dos *corpora*, e apresenta as alternativas conceptuais em debate.

A sexta parte da obra é dedicada às entidades e poderes alvo de culto pelos Gregos. Susan Deacy apresenta as principais problemáticas da dicotomia olímpico/ctónico que têm promovido a sua revisão, tomando como estudos de caso duas figuras dificilmente enquadráveis: Hécate e Dioniso. Contudo, lembra que o conceito de ctónico tem uma correspondência *emic* clara na cultura e língua grega. Carolina López-Ruiz aborda a origem mítica e científica dos deuses, sublinhando com pertinência que a percepção grega deste tema não é cognitivamente distinta da nossa (procura de organização), e que a origem linguística e origem cultural não operam equivalências evidentes, pelo que muitas divindades revelam sínteses de várias influências. Gunnel Ekroth apresenta um artigo introdutório sobre o culto dos heróis, dotado de uma bibliografia muito completa, argumentando por um desenvolvimento gradual e debatendo a relação, hoje contestada, com o culto dos mortos. Emanuel Voutiras desenvolve este último ponto num ensaio sobre as concepções dos mortos que eram alvo de rituais entre os Gregos. Giulia Sfameni Gasparro apresenta o problema dos *daimones*, desde a intervenção divina desconhecida até ao seu uso pela Filosofia para explicar o funcionamento do divino. Ivana Petrovic aborda a problemática da deificação e refuta as análises que a reduzem a um fenómeno meramente na esfera do político, ancorando a prática em antecedentes pré-helenísticos (culto dos heróis, honras cívicas) e na extensão demonstrativa da lógica *do ut des* a patronos e evérgetas.

A sétima parte – *What?* – dedica-se aos ritos e práticas da religião dos Gregos, abordando-os pelo confronto conceptual entre entendimentos nativos (*emic*) e produções historiográficas (*etic*). Hendrik Vernsel, apropriadamente, abre esta secção da obra questionando a utilidade dos próprios conceitos de prece e maldição face aos termos gregos mais próximos, aos referentes culturais que os ativam e aos limites da sua distinção no culto. Fred Naiden produz o ensaio mais ambicioso da obra, colocando em causa a utilidade do conceito de sacrifício e apresentado duras críticas ao consenso das teses de Burkert e Vernant. É justíssimo afirmar que ambos construíram imagens de paradigmas com ênfases particulares (na morte e na comensalidade) e mais que evidente que o fizeram em detrimento de outras (como a solenidade do ato). Contudo, talvez seja excessiva a acusação de cristianização do ato posteriormente, como se estes autores tivessem procurado expiar uma culpa católica (estereótipo bastante subjetivo) nos seus trabalhos. Naiden propõe a adoção do termo genérico de “oferendas” para todas as práticas dativas, incluindo libações. Sarah Iles Johnston procura clarificar conceitos associados à divinação (*manteis*/oráculos) e a distinção

entre as operações que eles envolvem. Aborda ainda as justificações e avaliações nativas para a eficácia das práticas Verity Platt desenvolve o, embora fundamental, tema pouco estudado da epifania, apresentando os problemas inerentes da sua definição e os extensos caminhos de estudo na esteira dos *cognitive studies*. Fritz Graf revê os aspetos da cura na Religião Grega e lembra como a oposição das práticas religiosas e das práticas médicas não é evidente e só parcialmente demonstrável. Para exemplificar aborda o culto de Asclépio, as epidemias e a piedade pessoal face à doença. Sara Hitch faz uma revisão dos estudos sobre etapas da vida e rituais associados, testando os vários ritos de transição dos Gregos no modelo tripartido gneepiano e concluindo que nem todos podem ser considerados como iniciações. Jean-Mathieu Carbon chama a atenção para um entendimento dos calendários e das festas no contexto da vivência do tempo, das estações e das dinâmicas sociais, económicas e políticas. Radcliffe Edmonds III desenvolve as perspetivas do além rejeitando gradualismos: argumenta por um fundo comum que os gregos usavam, na sua variedade, para pensar a vida depois da morte. Sublinha ainda como este carácter funcional e projecional é ativado pela filosofia pós-platónica para articular reflexões sobre o funcionamento (ético) do universo.

A última parte procura sintetizar as presenças nos espaços fora da Grécia continental, do Egeu e da Ásia Menor, essencialmente ligados à permanência política. Gillian Shepherd desenvolve as dinâmicas do colonialismo grego na Magna Grécia, demonstrando o desenvolvimento de modelos autónomos e a existência de estratégias de distinção no culto face à metrópole. Maya Muratov aborda a menos conhecida problemática dos Gregos do Mar Negro, a sua história, características das suas comunidades e estado da arte, focando-se no Reino do Bósforo como estudo de caso. Jan Bremmer apresenta uma completa síntese dos estudos, estado do problema e das principais inovações na questão das influências do Próximo Oriente Antigo. Além de sublinhar a o carácter crucial de Burkert e West no estabelecimento do filão de pesquisa, define dois campos de contacto distintos que confirmam os contactos: Anatólia e Mesopotâmia/Levante. No entanto, sublinha como ainda se encontram por discernir com clareza as formas e agentes específicos das transferências e como o impacte desses contactos é desigual e inconstante. Kathrine Heibl introduz esquematicamente a Religião Greco-Egípcia, apresentando as origens e características desta síntese, o seu panteão peculiar, peculiaridades dos ritos e dos santuários. Rachel Mairs aborda os processos de adaptação e permanência da Religião Grega no chamado “Hellenistic Far-East”, especificamente na Bactria e Índia. Mairs nota ainda a dimensão da recepção das crenças e ideias orientais nestas culturas. Lisa Raphals termina a obra com um exercício de comparação entre Grécia e China, focado nas práticas divinatórias e nas cosmogonias. Para Raphals, a operatividade do ensaio é heurística e ancora na exploração dos limites da universalidade dos conceitos e das suas projeções entre culturas: a comparação ajuda na clarificação das categorias no contraste da sua aplicabilidade.

Em suma, este conjunto monumental de ensaios reclama com segurança a utilidade para estudantes e investigadores que procurem sólidos estados da arte. Embora a obra anuncie que não pretende ser sistemática e que a organização temática promova sobreposições pontuais, algumas temáticas beneficiariam de introduções atualizadas: a problemática da paisagem e geografia; a interação entre as ciências cognitivas e religiosas; os contactos com o restante Mediterrâneo Ocidental; o lugar do Homem no cosmos; as continuidades e permanências. Como obra de referência hodierna, evita uma estruturação sistemática, e os promissores caminhos de pesquisa apresentados prometem a

revisão de muitos dos aspetos abordados. Nem todas as refutações apresentam já respostas, e muitas das alternativas carecem de consenso. Não representa, ainda, uma viragem profunda que requererá, então, uma nova síntese.

Martim Aires Horta

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

KATHY L. GACA (2003), *The Making of Fornication: Eros, Ethics, and Political Reform in Greek Philosophy and Early Christianity*. Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 359 pp. ISBN 978-0520235991 (\$85.00 Hardback).

Num primeiro capítulo de introdução a esta obra, a Autora, que é professora de Estudos Clássicos na reconhecida Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, declara que o seu intento para empreender esta investigação foi o de procurar esclarecer as antigas coordenadas sexuais gregas que parecem estar subjacentes ao ordenamento de valores e de comportamentos e que constituem o padrão a que se recorre para eventuais projetos e processos de reforma da ordem social. Este problema é de âmbito filosófico e simultaneamente historiográfico e tem grande significado, tanto pelos seus níveis imediatos como pelas linhas de força que atravessam todo o sistema ético, cultural, político e, em consequência disso, marcam o discurso religioso.

Com efeito, é por sobre esta vertente de definição e separação das águas que assenta a linha de convergência entre o entendimento da sexualidade por parte dos gregos e dos pensadores cristãos dos primeiros séculos. Desse entendimento deriva um sistema de valores e padrões que se codificou no discurso cristão essencial e, como tal, tem marcado a nossa civilização ao longo de muitos séculos. As ideias de Platão, dos estoicos e dos pitagóricos começam a partir daí a informar as ideias cristãs sobre aquilo que é permitido e sobre o que pode ser considerado mais ou menos construtivo em matéria de comportamentos sexuais e da sua contribuição para o ordenamento da sociedade. Tendo em conta a situação conjuntural das culturas no cristianismo primitivo, a tradução grega dos Setenta, os escritos de Paulo e os de Filon de Alexandria são igualmente assumidos como tendo contribuído para esta confluência. Ambas as plataformas que constituem a matéria desta comparação, a helénica e a judaico-cristã, são assumidas em nome do denominador comum de serem textos em grego. É claro que os textos em línguas semíticas poderiam ter igualmente razões legítimas para serem convocados e integrados neste exercício. Mas, deste modo, o âmbito e o percurso demonstrativo resultariam evidentemente diferentes.

Este espaço de interação veio, de algum modo, consolidar e projetar o próprio legado dos movimentos filosóficos gregos referidos, dirigindo-os para ulteriores horizontes históricos. Nesta comparação, cabe ao texto grego dos Setenta representar o património de pensamento, de mentalidade e de normatividade derivados da Bíblia. Enquanto helenista, a Autora serve-se deste texto, não porque espere encontrar nele algo muito diferente do que encontraria no texto hebraico, no terreno específico da matéria sexual, mas simplesmente porque este pensamento bíblico se encontra expresso em grego e porque, no contexto que pretende analisar, era precisamente aquele

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
